

Juscelino nunca soube do episódio

Fatos ficaram restritos aos chefes de polícia e ao Ministério da Justiça

Se a documentação oficial é rala quanto aos fatos, a imprensa tem registros que corroboram a versão trágica. Massacre policial: sangue de operários jorrou em Brasília foi o título da reportagem veiculada pelo jornal *O Popular*, de Goiânia, dias depois do episódio. De acordo com a matéria, nove operários haviam sido mortos e mais de 60 teriam ficado feridos. Em Belo Horizonte, O jornal *O Binômio*, que fazia forte oposição ao governo JK, enviou dois repórteres a Brasília, Dídmo Paiva e Honório Gurgel.

A equipe fez matérias completas sobre o caso, mas os jornalistas foram desmentidos pelo então chefe do Departamento Regional de Polícia de Brasília, coronel Osmar Soares Dutra. Vários outros órgãos de imprensa chegaram a publicar notas sobre o caso, com mais de uma semana de atraso, sem maiores aprofundamentos. Apesar das tímidas publicações, a especulação que chegou nos canteiros de obra foi a de que Juscelino Kubitschek não soube da história.

Heitor Silva, então presidente da Associação dos Trabalhadores da Construção Civil, organização não reconhecida oficialmente, enviou telegramas ao ministro da Justiça, Cirilo Júnior, e a várias outras autoridades. Por sua vez, o ministro pediu explicações do caso ao

então presidente da Novacap, Israel Pinheiro, que foram respondidas pelo coronel Soares no dia 20 de fevereiro e retornadas a Cirilo Júnior no dia seguinte.

AGITADOR COMUNISTA - A estratégia do chefe de Polícia na resposta oficial foi a de desqualificar o líder sindical. "O indivíduo Heitor Silva é um agitador comunista fichado, que se intitula presidente do Sindicato de Operários de Brasília e presidente da Associação de Operários de Brasília, ambos sem existência", diz o Ofício Número 45 da GEB, enviado a Israel Pinheiro pelo coronel Soares. O documento reafirmou a existência de apenas um morto e

três feridos e que um "rigoroso inquérito" teria sido instaurado e entregue ao juiz da Comarca.

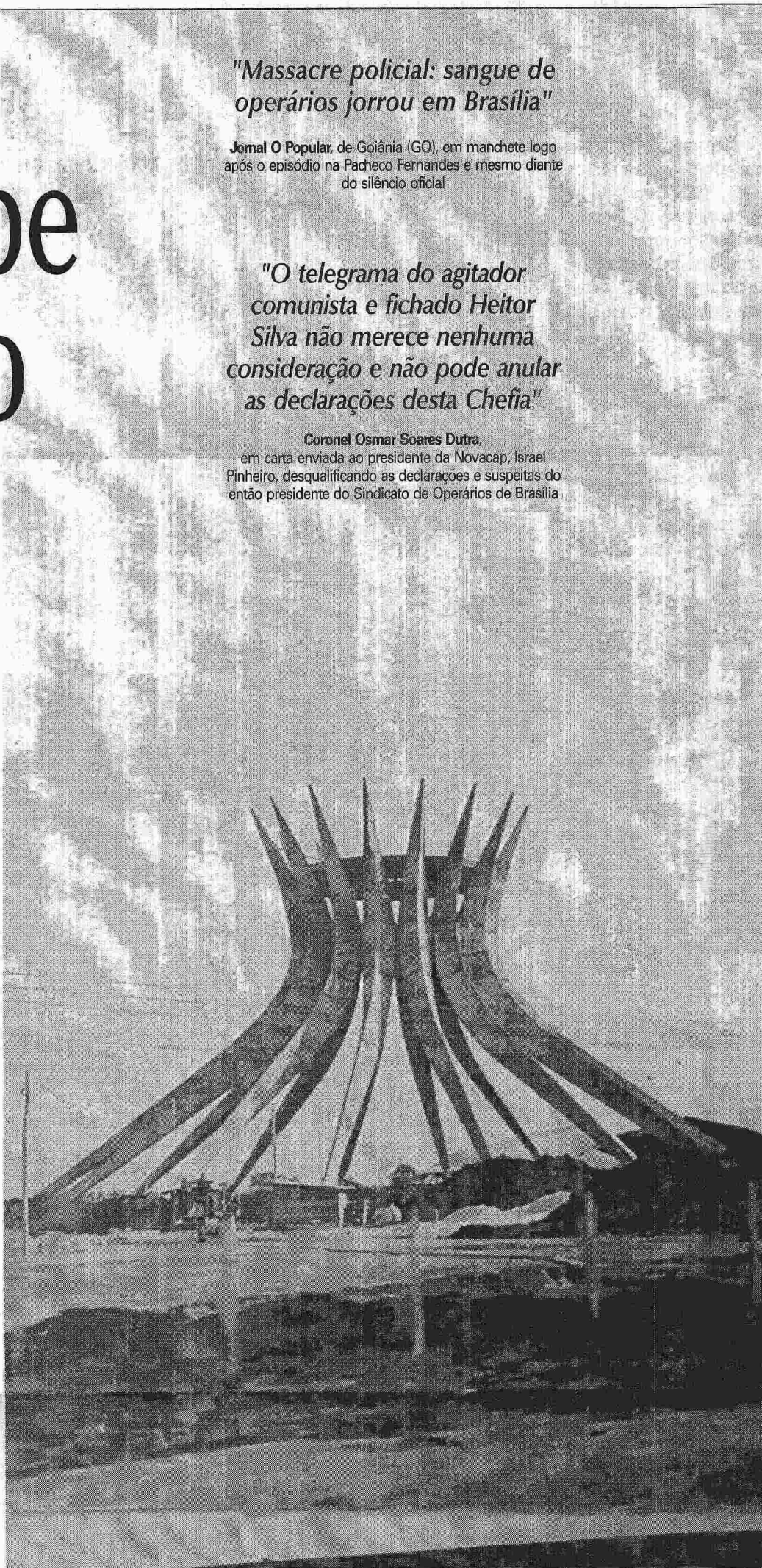
Nos ofícios assinados pelo coronel Soares,

27

militares foram indiciados, além de três civis

"Os referidos indiciados (27 militares e três civis) já se

acham presos por ordem desta chefia e aguardam julgamento da Justiça". A carta do coronel Soares é encerrada da seguinte forma: "O telegrama do agitador comunista Heitor Silva não merece nenhuma consideração e não pode anular as declarações já feitas por esta chefia". Segundo Antônio Amâncio Filho, o seu Cabeça, para entrar na Guarda Especial só precisava ser bom de briga, bruto. "O coronel (Osmar Soares Dutra) me chamou três vezes para



"Massacre policial: sangue de operários jorrou em Brasília"

Jornal *O Popular*, de Goiânia (GO), em manchete logo após o episódio na Pacheco Fernandes e mesmo diante do silêncio oficial

"O telegrama do agitador comunista e fichado Heitor Silva não merece nenhuma consideração e não pode anular as declarações desta Chefia"

Coronel Osmar Soares Dutra, em carta enviada ao presidente da Novacap, Israel Pinheiro, desqualificando as declarações e suspeitas do então presidente do Sindicato de Operários de Brasília

ser policial, mas eu nunca quis. Eles ganhavam bem menos do que eu ganhava trabalhando na Construtora Nacional."

Esse aspecto financeiro resgata Amâncio da tragédia e o coloca na rota do sonho que a construção de

Brasília representou. "Apesar do sofrimento todo, ganhava bem. Com uma hora de serviço eu pagava meu café da manhã, almoço e janta. Trabalhei também no 28 (obra do Congresso Nacional, com 28 andares). Pouco antes do 21 de abril,

trabalhei por quase quatro dias seguidos, sem parar. De tanto sono, não encontrava nem a saída." No plano real, seu Cabeça diz que se ganhava bem, mas quem viveu só do trabalho não ficou rico, como ele, ou nem chegou a ver a cidade inaugurada.

Pouco antes da inauguração de Brasília, os operários de obras como o Palácio do Planalto e Congresso Nacional trabalharam até quatro dias seguidos para cumprir a agenda e permitir a festa na Esplanada



FONTES DE PESQUISA

Arquivo Público do DF (Terracap); Coleção de recortes da Novacap; Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória do Centro-Oeste (Necoim) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam) da UnB; Arquivo do Jornal de Brasília, Biblioteca da Universidade de Brasília; e a obra *No Tempo da GEB (1956 - 1960) Trabalho e Violência na Construção de Brasília*, livro de Hermes Aquino Teixeira (DF, 1992).